

Ovinocultura e Caprinocultura:

Conjuntura econômica, aspectos produtivos de 2017 e perspectivas para 2018.

Klinger Aragão Magalhães ¹

Agropecuária e economia brasileira em 2017

Após um ano com resultados ruins, quando as condições climáticas prejudicaram a safra de grãos, o ano de 2017 apresentou uma recuperação exatamente pelos motivos contrários, clima favorável e ausência de gargalos que afetassem diretamente a produção, em que essas dificuldades se apresentaram na pós-produção, por fatores de infraestrutura de escoamento e armazenamento.

Dessa forma, observou-se, em 2017 um resultado robusto para a safra de grãos, o que também inclui os produtos principais na alimentação animal como soja e milho, totalizando uma safra recorde de 241,6 milhões de toneladas segundo os dados preliminares da décima estimativa do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE, 2017b) de outubro, conforme Figura 1. Segundo estimativa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2017), o setor agropecuário deve fechar 2017 com um crescimento de 10,8%, principalmente em função da safra agrícola, tendo a pecuária também apresentado resultados positivos.

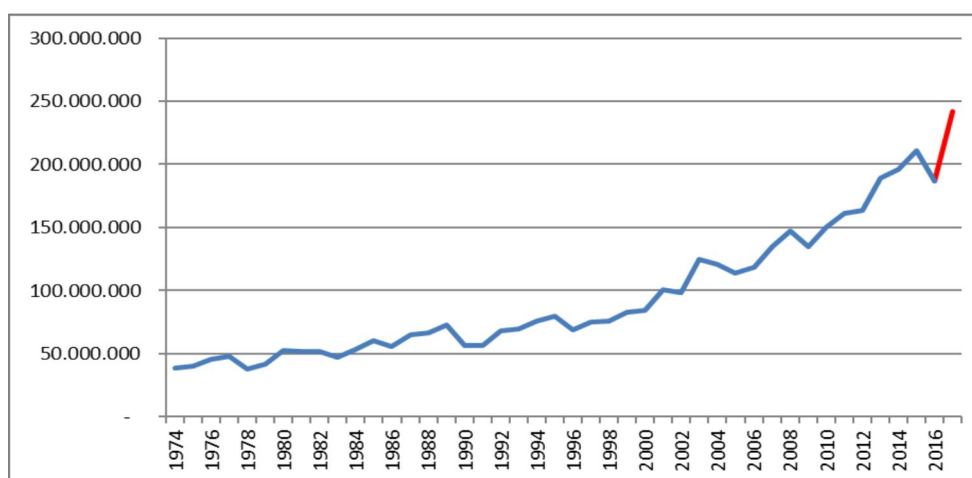


Figura 1. Produção de Grãos, Brasil, 1974 a 2017.

— Estimativa 2017.

Fonte: IBGE (2017b, 2017c).

O aumento na oferta provocou um efeito positivo quase imediato sobre os níveis de preços ao consumidor e, nessa ordem, para o índice de inflação. Soja e milho são os principais produtos da pauta da produção de grãos e estão fortemente relacionados à produção animal, tendo apresentado crescimentos significativos.

¹ Zootecnista, Mestre em Economia Rural, Pesquisador da Embrapa Caprinos e Ovinos, Sobral, CE.

Assim, o Índice de Preço ao Consumidor (IPCA) registrou -2,32% em novembro no acumulado dos últimos doze meses para o item Alimentação e bebidas, sendo que o item Cereais, leguminosas e oleaginosas, que abrange grãos, apresentou um índice de -26,47% no acumulado dos últimos doze meses, em novembro. Por exemplo, em novembro de 2016 o acumulado dos últimos doze meses para esse mesmo item apresentou aumento de 40,86% (IBGE, 2017a).

Para esse mesmo índice a carne de carneiro apresentou uma variação positiva de 0,53% no acumulado de doze meses em novembro, mediante uma redução de 8,74% apresentada no mesmo período em 2016. Isso provavelmente está associado mais a mais um ano de seca observado na região Nordeste, ou seja, as condições climáticas favoráveis à agricultura ficaram restritas às regiões do Centro-Oeste, Sudeste e Sul, sendo que os principais polos produtores estão no Nordeste, de forma que apenas Salvador e Fortaleza são consideradas, no levantamento do IPCA para este produto. Além disso, nessa região o uso de suplemento na alimentação animal, ainda mais para ovinos e caprinos é restrito ao mínimo para a manutenção do rebanho em épocas de seca.

Tal observação é coerente com os últimos dados de rebanhos divulgados pelo IBGE, referentes a 2016 (Figura 2), nos quais se percebe uma redução do rebanho bovino pelo segundo ano consecutivo, enquanto os rebanhos ovino e caprino cresceram. Portanto, a bovinocultura como atividade que demanda maior volume de alimentos naturalmente tende a sofrer mais os efeitos dos consecutivos episódios de secas. Nessas circunstâncias os custos se elevam consideravelmente, chegando a inviabilizar a produção, enquanto a produção de animais de menor porte e mais adaptados, como é o caso de ovinos e caprinos, respondem com mais eficiência e menores custos quando comparados à bovinocultura.

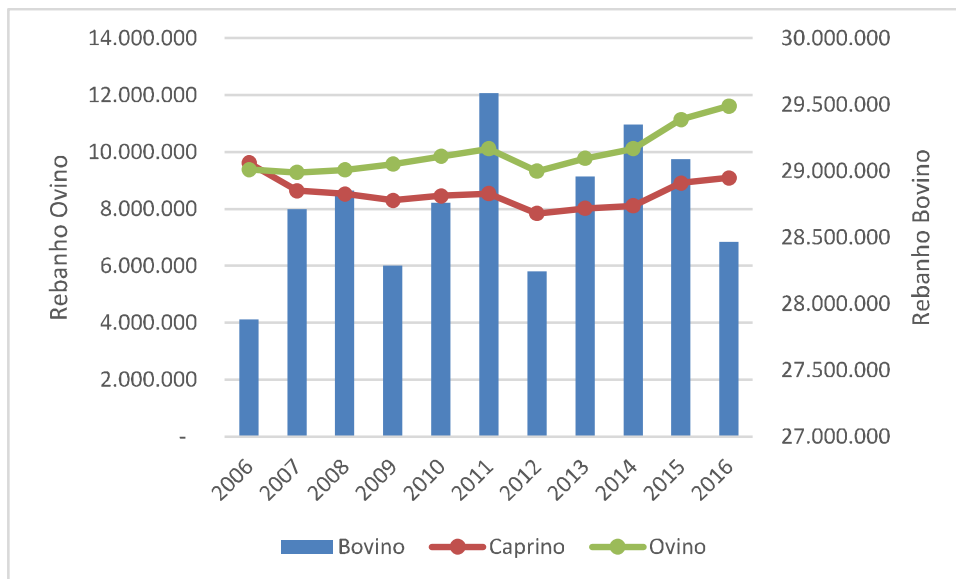


Figura 2. Rebanhos Caprino, Ovino e Bovino, Região Nordeste, 2006 a 2016. Fonte: IBGE (2017e).

Na região Sul, que também tem boa representatividade no rebanho ovino, observa-se uma estagnação do rebanho bovino e reduções tanto do rebanho ovino quanto caprino, com -9,6% e -6,7%, respectivamente, como pode ser visto na Figura 3. Nesse caso, deve-se considerar que a aptidão do rebanho nessa região é ainda em boa parte para produção de lã, cujo mercado irá orientar a estratégia dos produtores.

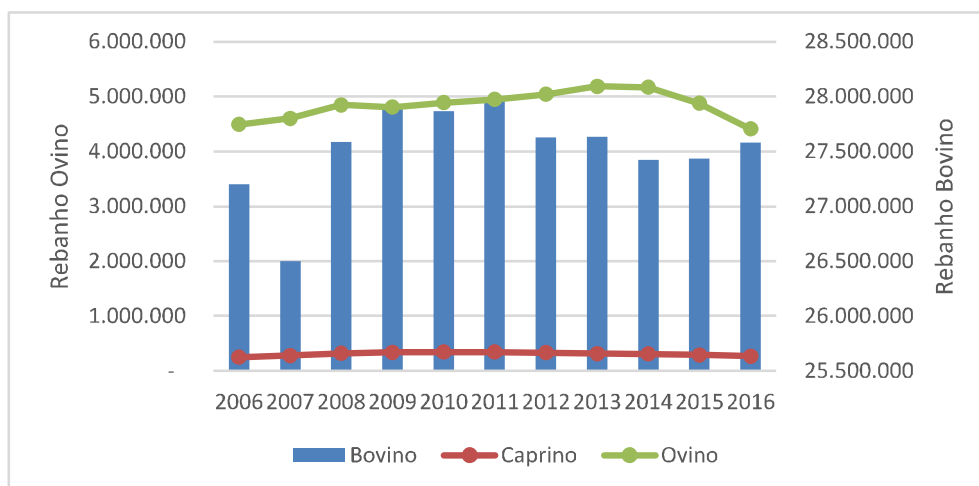


Figura 3. Rebanhos caprino, ovino e bovino, Região Sul, 2006 a 2016.
Fonte: IBGE (2017e).

Em 2017, observou-se dois cenários bastante distintos em termos de condições de produção agropecuária, em que as regiões produtoras de *commodities*, no Centro-Oeste, Sul e Sudeste apresentaram uma conjunção de fatores que culminou em uma safra agrícola recorde, enquanto no Nordeste e regiões do norte de Minas Gerais a seca se repetiu pela sexta vez, asseverando seus efeitos, que a cada ano se tornam mais danosos para sua reversão.

Se por um lado a super safra de grãos foi fundamental para o controle de preços, ajudando a economia do país macroeconomicamente, pelo lado do produtor tem-se uma outra perspectiva, com preços baixos, como das principais *commodities* soja e milho, justamente em função da grande disponibilidade de oferta. Isso fez com que produtores buscassem segurar a produção o quanto fosse possível para tentar obter melhores preços. Nesse ponto emerge a deficiência da infraestrutura de armazenamento como um dos fatores dessa safra. Já na pecuária se observa um redimensionamento do setor frigorífico que foi afetado por problemas nas maiores empresas do setor, fazendo com que os produtores também revissem suas estratégias e metas de produção, além da demanda interna de carne bovina também ter se retraído, ainda como consequência da situação econômica.

Ainda assim, pela Figura 4 se percebe uma recuperação do abate bovino, o que está ancorado na exportação que compensou a redução do mercado doméstico. Em termos de trimestres, o primeiro de 2017 já se apresentou superior ao observado em 2016, tendo tido um pior desempenho no segundo trimestre, entretanto, o melhor desempenho ocorreu no terceiro trimestre de 2017.

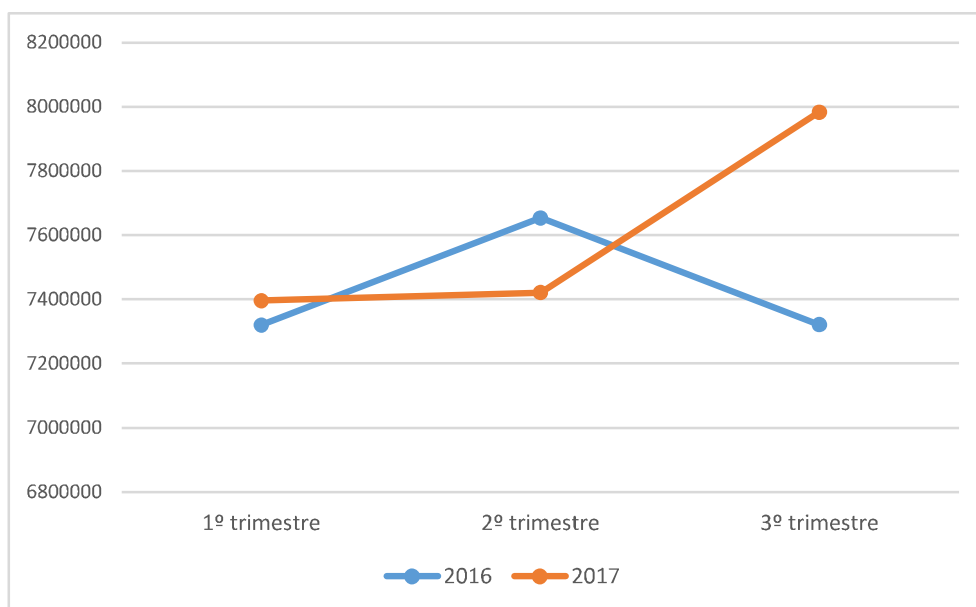


Figura 4. Abate Trimestral de Bovinos, Brasil, Três Primeiros Trimestres de 2016 e 2017.
Fonte: IBGE (2017f).

O abate suíno em 2017 teve um desempenho superior ao ano anterior nos três trimestres com dados consolidados (IBGE, 2017f), o que deve estar relacionado a um aumento de consumo do mercado interno, em substituição ao consumo de carne bovina, juntamente com o consumo de carne de frango. O leite adquirido pela indústria nos primeiros trimestres de 2016 e 2017 tiveram praticamente o mesmo volume (Figura 5), havendo um crescimento nos trimestres posteriores em relação a 2016. Com isso, segundo IPEA (2017) os preços do leite tiveram redução, a qual é explicada mais em função do mercado interno do que pelas compras externas.

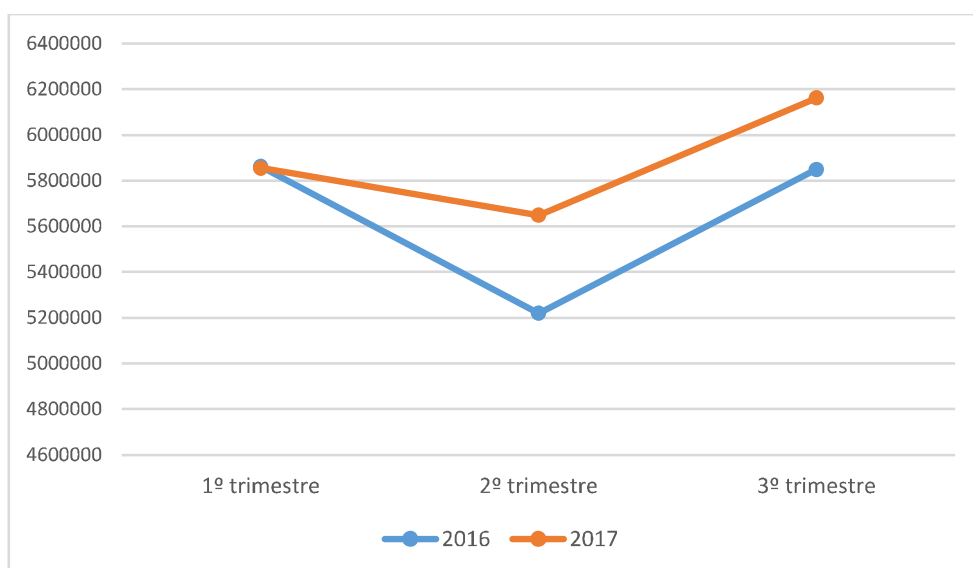


Figura 5. Leite adquirido pela Indústria (Mil Litros), Brasil, três primeiros trimestres de 2016 e 2017.
Fonte: IBGE (2017g).

O que se percebe é que para a produção agropecuária na região Nordeste normalmente o fator climático se sobrepõe às demais questões. Nesse aspecto, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, aponta para uma atual situação hídrica crítica nos principais reservatórios do Nordeste e na Bacia do Rio São Francisco (INPE, 2017). Segundo o órgão, em outubro se observou temperaturas até 5 °C mais elevadas em várias localidades, principalmente nos Estados do Tocantins, Maranhão e Bahia, influenciando também em número de focos de incêndio acima da média no trimestre de agosto a outubro. Importante ressaltar que muitos dos estados que obtiveram grande crescimento no número de focos de incêndio estão localizados nas regiões Sudeste, Norte e Centro Oeste e não predominantemente na região Nordeste como se poderia esperar.

Esses fatos, entretanto, estão dentro de um outro contexto, capitaneado tanto pelo cenário político quanto pelo econômico, que têm passado por fortes instabilidades nos últimos anos. O cenário político, via de regra, tem conduzido e pautado a agenda econômica, no que diz respeito às expectativas de mercado sobre o ambiente de negócios como também o que toca a assuntos sensíveis, como reformas trabalhista e previdenciária.

Nesse contexto, diversas discussões se polarizam, em grande parte com finalidades políticas, mas com efeitos econômicos. Soma-se a isso o fato de a economia mundial estar em ritmo de recuperação, agora mais vigoroso, com maiores volumes do consumo concentrados em poucos países. O quadro ainda é pontuado por questões como um movimento recente de fechamento das economias, com uma nova onda de protecionismo do comércio interno, também em função de um fluxo migratório crescente, territórios em guerra, ameaças terroristas pulverizadas trazendo insegurança extrema, e ameaça de guerra iminente entre Estados Unidos e Coreia do Norte, remontando o cenário da Guerra Fria. Apesar de um maior vigor da economia mundial, deve-se atentar que a China, um dos principais vetores de crescimento mundial, tem apresentado redução no seu ritmo de crescimento.

Mais especificamente sobre o Brasil, observou-se durante 2017 uma retomada gradual da atividade econômica, que vinha apresentando sucessivos resultados negativos, com uma crescente escalada da inflação. Nesse ponto, os resultados da safra agrícola contribuíram significativamente para o controle dos preços, desempenhando um papel que não teve seu pleno reconhecimento. O desempenho da agropecuária nesse ano deve fazer com que obtenha o melhor resultado dentre os demais setores da economia que compõem o PIB. Tal resultado auxiliou as medidas de contenção da inflação, que são baseadas basicamente no controle da taxa de juros, com algum esforço de contenção de custos, além do próprio cenário recessivo com redução de demanda.

Assim, com o arrefecimento da inflação visto na Figura 6, que chegou a patamares entre os mais baixos, já registrados nos anos mais recentes, foi possível uma redução mais vigorosa na taxa de juros a fim de estimular o dinamismo da economia. Na reunião de novembro de 2017 a equipe do Banco Central do Brasil definiu a taxa Selic em 7%, menor taxa já registrada, ainda indicando a possibilidade de uma nova

redução, o que sinaliza uma convicção de que a inflação está sob controle e com riscos controlados.

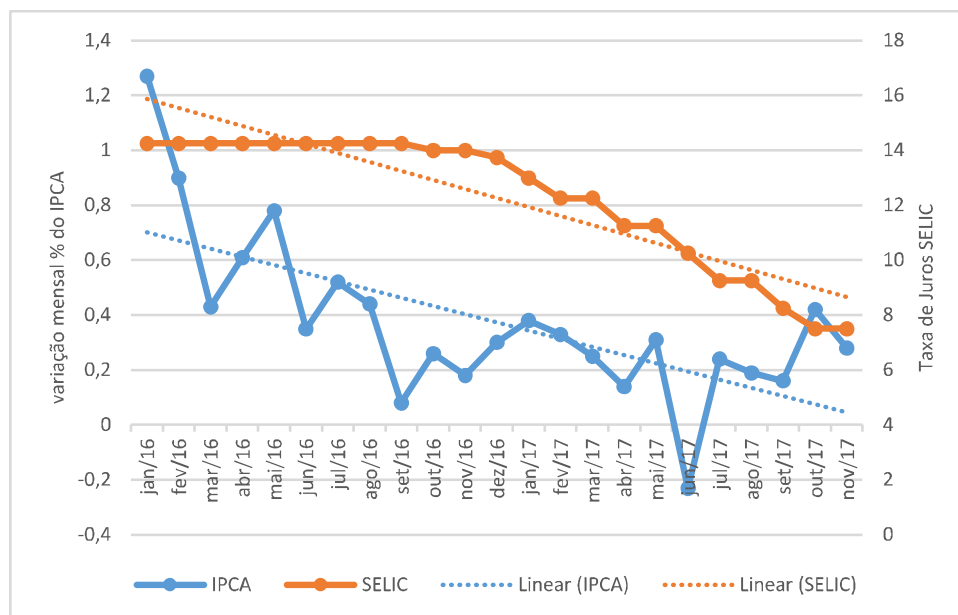


Figura 6. Taxa SELIC e variação do IPCA, janeiro de 2016 a novembro de 2017. Fonte: IBGE (2017a) e Banco Central do Brasil (2017b).

A partir de um conjunto de variáveis que gradativamente vem mostrando melhora, nota-se uma tendência de retomada do dinamismo da economia, sendo ainda muito cedo para atestar sua robustez, percebida no aumento do consumo e na melhora do otimismo de empresários.

Um elemento bastante importante para a economia, os combustíveis, chamou bastante atenção por sua volatilidade, normalmente para cima. A política de reajustes dos combustíveis que passou a acompanhar os preços internacionais entrou em vigor desde 2016, no entanto, apenas a partir do meio de 2017 se passou a reajustar com maior frequência os preços, chegando a dois e até três reajustes na semana. Coincidentemente essa determinação veio a se efetivar no período em que a inflação já estava mais controlada. Esses reajustes frequentes, evidentemente, na medida que se mostram contínuos, vêm pressionando a inflação, mantida estável por outros fatores já citados.

O crescimento das vendas tem sido um dos principais indicadores que apontam para uma recomposição da atividade econômica, notoriamente nas classes de renda mais elevadas, reforçado pela menor inflação e taxa de juros, o que vem sendo considerado consistente por ter mostrado bom desempenho por alguns meses consecutivos. Tais sinais talvez ainda não sejam suficientes para atestar um início de um ciclo econômico estável e sustentável.

Portanto, outros sintomas mais concretos de melhoria no cenário econômico vêm de novos planos de investimentos e redução da ociosidade da capacidade instalada. Nesses termos, as projeções de crescimento da economia tem sido constantemente

revistas positivamente, no entanto, com maior impacto previsto para o ano que vem. A taxa de desocupação também apresentou, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADC (IBGE, 2017d), reduções consecutivas no segundo e terceiro trimestres, após ter atingido o maior valor no primeiro trimestre de 2017, o que influencia o otimismo do consumidor. Algumas projeções apontam um fechamento de 2017 com crescimento do PIB próximo a 1,0%, com uma contribuição importante do bom desempenho do setor agropecuário. Ainda positivamente se destacam alguns episódios como liberação do FGTS, queda de juros e redução dos preços dos alimentos, como dito, além do aumento de vagas de emprego, colaborando para um cenário de melhor desempenho econômico.

Tais instabilidades tem se refletido também na taxa de câmbio, tendo o Real se fortalecido em meados de 2016 e ficado abaixo de R\$ 3,50 durante todo o ano de 2017, conforme Figura 7, com uma média de R\$ 3,19 ao longo do ano, o que se refletiu em menor pressão inflacionária. Ao mesmo tempo esse cenário favorece exportações, tendo sido observado um aumento de 18,2% das exportações totais entre janeiro e novembro, em relação ao mesmo período do ano anterior, em US\$. Percebe-se também um movimento mais recente de desvalorização do real, o que está relacionado ao prolongamento das negociações políticas para aprovação de reformas.

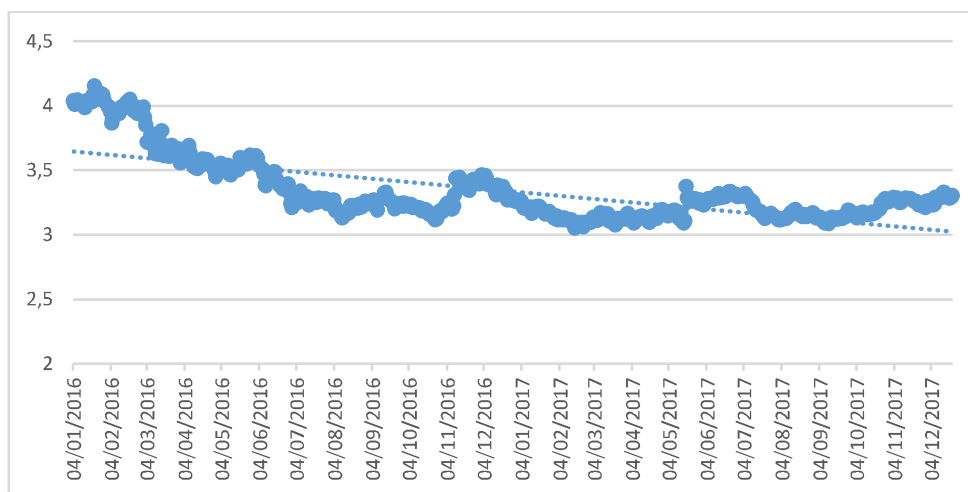


Figura 7. Cotações diárias do Real em relação ao dólar, janeiro de 2016 a dezembro de 2017.
Fonte: Banco Central do Brasil (2017a).

Do ponto de vista das articulações políticas para a ovinocultura e caprinocultura houve um avanço importante, com atuação da Confederação Nacional da Agricultura – CNA - incluindo o financiamento da retenção de matrizes ovinas e caprinas no Plano Agrícola e Pecuário 2017/2018 (CNA, 2017). Outro destaque também com empenho da CNA foi a publicação da Instrução Normativa nº 05/2017, que estabelece regras de inspeção e fiscalização sanitária das instalações, dependências e equipamentos para as agroindústrias de pequeno porte de leite, mel e ovos, incluindo estabelecimentos da agricultura familiar no mercado formal e ampliando as possibilidades de comercialização.

Polos de Produção de Ovinos e Caprinos pelo Brasil

A ovinocultura e a caprinocultura são atividades com grande concentração regional, onde se destacam as regiões Nordeste e Sul (Figura 8). Dessa forma, as percepções mais amplas sobre os setores, normalmente, vêm das observações dessas duas regiões, que regem o comportamento da produção. Ainda assim, é possível e necessário se perceber os movimentos interno dessas duas regiões, como também a dinâmica das demais regiões, com as peculiaridades entre os estados.

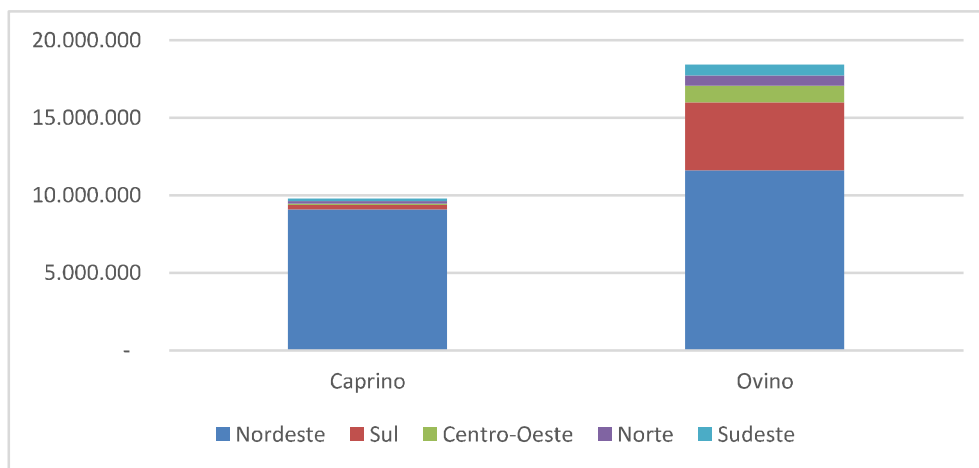


Figura 8. Participação dos rebanhos caprino e ovino nas Regiões do Brasil, 2016.
Fonte: IBGE (2017e).

A Embrapa Caprinos e Ovinos vem trabalhando com diversos polos produtivos diretamente junto à base produtiva e com variados parceiros institucionais, em ações que permitem perceber a dinâmica local do setor produtivo, como por exemplo os polos incluídos no Rota do Cordeiro, que integra a política Rotas de Integração Nacional, do Ministério da Integração Nacional. Em outra ação que vem sendo desenvolvida, estão sendo levantados custos de produção em cidades consideradas representativas da ovinocultura e caprinocultura, com a metodologia de painel para caracterizar uma propriedade modal da região.

Em 2017, foram feitas oficinas em todos os polos contemplados no Rota do Cordeiro permitindo um diagnóstico atual da situação existente e que se pontua a seguir. Contempla treze polos localizados nos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Sul (BRASIL, 2017b).

Dentre os polos acompanhados no projeto a Bahia participa com quatro: Sertão Norte Baiano, Rio das Contas, Bacia do Jacuípe e Chapada do Jacaré. Nesse mesmo ano, conjuntamente a seca se apresentou como ponto comum para os quatro polos e ameaça para as atividades, o que de fato é uma situação que atinge toda a região Nordeste e Norte de Minas Gerais. Tal fato vem acarretando prejuízos e danos de médio prazo, associado com a degradação do bioma caatinga na região e vulnerabilidade hídrica. Se considerarmos que boa parte dos produtores adota a criação de animais de modo extensivo tendo a caatinga como principal fonte de alimentação presume-se que a disponibilidade de forragem fica comprometida dada

a seca que vem se repetindo anualmente. Conforme a Figura 9 quando se considera o total entre caprinos e ovinos, evidencia-se a redução do rebanho em três polos da Bahia, entre 2006 e 2016, e crescimento em outro. Tanto no Sertão Norte Baiano quanto no polo do Rio das Contas a predominância é do rebanho caprino, enquanto na chapada do Jacaré o rebanho ovino supera o rebanho caprino. No polo da Bacia do Jacuípe a ovinocultura predomina. Entretanto, uma observação que merece atenção é a redução de quase 500 mil animais entre 2006 e 2016 nesses polos da Bahia.

No Ceará, o polo contemplado é o do Sertão dos Inhamuns, o qual tem uma tradição ligada às atividades e vem se organizando, inclusive com o apoio do Projeto Rota do Cordeiro desde 2012. O rebanho total do polo apresentou crescimento moderado entre 2006 e 2016, e tem mantido a proporcionalidade entre caprinos e ovinos, onde os caprinos representam um pouco mais da metade do rebanho ovino. A conjuntura dessas atividades no polo é privilegiada, pois a representatividade do rebanho também aglutinou uma organização institucional que tem favorecido essas atividades. Da mesma forma, a condição de seca se pronunciou em 2017, juntamente com uma condição de degradação da caatinga e dificuldade hídrica.

No Rio Grande do Sul, o polo Alto Camaquã apresenta uma história de mais de dez anos, sendo considerado um caso de sucesso em termos de organização, onde se aponta como ponto positivo a procedência dos produtos da região como indicativo de qualidade, assim, o registro de Indicação Geográfica dos produtos é um objetivo do polo. O polo Fronteira Oeste – Pampa Gaúcho tenta retomar seu dinamismo na produção de lã e tem apresentado uma redução do rebanho nos últimos anos, que é quase na sua totalidade de ovinos.

Minas Gerais é representado pelo polo Vale do Mucuri, o qual vem apresentando uma redução contínua do rebanho caprino, enquanto o rebanho ovino vem oscilando entre crescimentos e reduções. Por se situar no nordeste de Minas Gerais também foi afetado pela ocorrência de seca, refletindo também no relato dos produtores sobre alto preço dos insumos.

No Piauí o polo acompanhado é o da Serra da Capivara, que vem apresentando sucessivas reduções no rebanho tanto caprino quanto ovino, sendo que o rebanho caprino ainda prevalece sobre o ovino. Mais uma vez foi registrada a seca como um ameaça presente e recorrente, dificultando a produção e implicando em elevação nos custos de insumos e restrição hídrica. Apesar de não ter sido citado pelos produtores, deve-se destacar que a consolidação da região do Matopiba, território composto por regiões dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, com especialização na produção de grãos, tende a beneficiar a produção pecuária nesses estados.

Pernambuco é contemplado por três polos: Sertão de São Francisco, Itaparica e Polo Integrado Paraíba - Pernambuco, sendo que esse último também representa o estado da Paraíba e é composto por mais de cinquenta municípios. Tal situação se dá pelo adensamento das atividades que se sobrepõem aos limites estaduais formando um único Arranjo Produtivo Local (APL). Os rebanhos estão em crescimento e a caprinocultura prevalece nesses polos, com exceção do Sertão de São Francisco,

onde os rebanhos são praticamente os mesmos, com uma diferença mínima em favor dos ovinos. Da mesma forma que de outros polos, a seca foi marcante para os produtores desses polos, com relatos de preços elevados de insumos.

O Maranhão, representado pelo polo Baixo Parnaíba, apresenta crescimento mais robusto do rebanho ovino, entretanto, o rebanho caprino tem uma representatividade bem maior. Na oficina realizada, nesse polo, se constatou positivamente a presença de um grande número de instituições que podem colaborar para o desenvolvimento dessas atividades, assim como a existência de parecerias. Também foi citada a dificuldade de acesso à água e problemas climáticos, que também devem estar relacionados às irregularidades climáticas.

De modo quase unânime são citadas questões referentes à segurança quanto ao roubo de animais, existência de predadores, necessidade de políticas específicas para os setores, informalidade do mercado, legalização do abate, carência de assistência técnica e tem ganhado força a necessidade de aumento da capacidade de gestão do produtor.

Nesse intuito, a Embrapa Caprinos e Ovinos vem realizando levantamento de custos de produção, também em parceria com a CNA, com foco de gestão das atividades. Em 2017 foram realizados quatro painéis, os quais tiveram por finalidade caracterizar uma propriedade típica de uma região a partir da reunião de um grupo representativo de produtores, técnicos e comerciantes da região. Os painéis foram realizados nos municípios de Senhor do Bonfim e Juazeiro, Estado da Bahia; Quixadá e Canindé, Estado do Ceará, que reforçaram as informações das oficinas acima citadas, com um grande impacto da seca que afetaram os custos de produção pela maior necessidade de aquisição de insumos, dada a baixa disponibilidade de forragem.

Assim, a alimentação foi o principal componente que pesou na composição dos custos de produção. Além dos custos é interessante destacar, pelo lado da produção, que as receitas normalmente são pequenas, portanto, tão importante quanto um custo baixo, também é necessário ter receitas que gerem excedentes e possam manter o produtor na atividade. Tal observação se aplica a todos os levantamentos realizados, e é a realidade de um grande número de produtores, ou seja, não há uma receita suficiente que gere lucratividade para o produtor quando consideradas apenas essas duas atividades dentro da propriedade, o que está associado também ao tamanho do rebanho e baixa produção. Além disso, os relatos de roubos e perdas por predadores se tornam importantes ao reduzir ainda mais a produção.

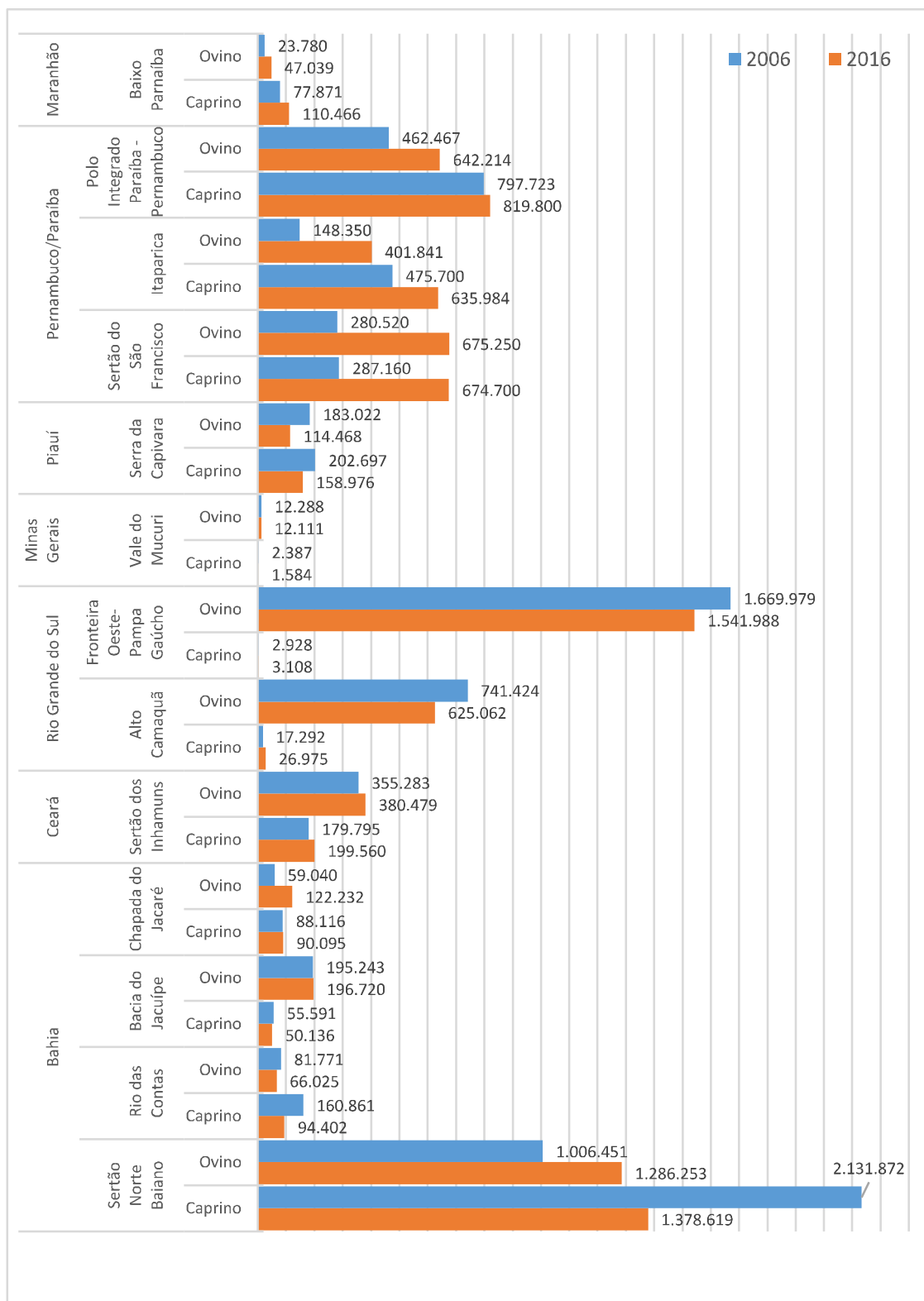


Figura 9. Rebanhos Ovino e Caprino dos Polos Acompanhados pelo Projeto Rota do Cordeiro, 2006 e 2016.

Fonte: IBGE (2017e).

Comércio Externo

As exportações brasileiras de produtos ovinos e caprinos, excluindo peças de vestuário feitos a partir de lã, apresentaram uma redução de 10,1%, em dólar, sendo que o principal produto exportado foi o item Lã Suja, com quase 57,0% de participação no total, ainda tendo apresentado redução ao valor exportado no ano anterior. Nas exportações de produtos da ovinocultura e caprinocultura o principal parceiro comercial foi o Uruguai, com participação de 60,7% do valor exportado, exclusivamente composta por lã. O segundo parceiro comercial foi a Itália, cujos principais produtos comercializados são peles e couros.

As importações de produtos ovino e caprino cresceram na mesma proporção da redução das exportações, 10,1%, tendo como principal item importado em 2017 a carne ovina não desossada congelada, que representou 58,2% das importações, mas apresentou um valor um pouco abaixo do apresentado em 2016. Os principais estados importadores com seus respectivos valores importados e participação no total estão na Tabela 1.

Tabela 1. Valor e participação das importações de produtos ovinos e caprinos por Estado, janeiro a novembro, 2017.

Estados importadores	Valor (US\$)	%
RIO GRANDE DO SUL	11.987.615	23,81%
SANTA CATARINA	11.004.532	21,85%
MATO GROSSO DO SUL	10.219.189	20,29%
SAO PAULO	8.575.500	17,03%
PARANA	3.999.370	7,94%
PIAUI	1.227.488	2,44%
PERNAMBUCO	907.122	1,80%
RONDONIA	847.948	1,68%
MINAS GERAIS	665.173	1,32%
ESPIRITO SANTO	430.742	0,86%
RIO DE JANEIRO	334.060	0,66%
PARAIBA	96.371	0,19%
CEARA	59.213	0,12%

Fonte: Brasil (2017a).

É muito provável que os estados que têm um maior volume estejam atuando como distribuidores para outros locais, pois em estados como o Ceará, por exemplo, é provável que a circulação de carne importada seja bem maior que a registrada nas importações diretas do exterior, o que se pressupõe que esteja adquirindo de outros estados importadores. No Rio Grande do Sul, maior importador, o principal produto também é carne, mas também compõem a pauta peles e couros e peles e reprodutores de raça pura. Em Santa Catarina predomina também a importação de carnes congeladas. O total das importações de produtos ovinos e caprinos entre janeiro e novembro de 2017 chegou a US\$ 50,35 milhões, enquanto as exportações desses produtos chegaram a aproximadamente a US\$ 28 milhões.

Perspectivas 2018

A atividade econômica global deverá crescer com maior robustez, segundo o Banco Bradesco (2017b) devendo crescer em torno de 3,8%, contribuindo para isso uma previsão de crescimento de 2,6% dos Estados Unidos, e 1,7% da economia europeia, mesmo com um menor ritmo de crescimento chinês. Estimativas do Banco Itaú (2017) sustentam crescimento de 2,4% para o PIB dos EUA, 2,1% para a Europa, 6,3% na China e 3,8% para a economia global. Ressalte-se que mudanças importantes estão se consolidando, como a reforma tributária dos Estados Unidos que altera significativamente a tributação de empresas, devendo ter impactos importantes sobre o câmbio e investimentos em outros países. Com o maior ritmo de crescimento a demanda mundial deve crescer e elevar os preços de *commodities*.

A América Latina após alguns anos apresenta condições favoráveis ao crescimento econômico e deve se beneficiar do cenário mundial no que diz respeito ao aquecimento da demanda de *commodities* (metálicas, energéticas e grãos), com a elevação dos preços compensando a valorização do dólar, porém suas maiores vulnerabilidades estão no campo político (BANCO BRADESCO, 2017a). Portanto, as melhores condições econômicas tanto nas economias desenvolvidas quanto nas emergentes, deverá compensar a desaceleração chinesa.

Além do aquecimento do consumo os preços das *commodities* agrícolas devem se elevar pela redução da oferta, em função da ocorrência do *La Niña*, que deve exercer uma influência talvez ainda mais forte para a elevação de preços.

Com a ocorrência do fenômeno *La Niña* no contexto global sendo um consenso entre os principais institutos meteorológicos, tem-se uma expectativa de que a produção de grãos possa ser afetada, com impactos incertos, inclusive por se considerar que essa ocorrência pode se dar com características diferentes. Para o Brasil, o INPE previu para o trimestre de dezembro a fevereiro condições de chuvas abaixo da média no Nordeste, Centro Oeste e Sudeste, e dentro da média no Sul, INPE (2017), o que contraria as características de *La Niña*, especialmente para a região Nordeste.

Tal condição deve ser observada também em função das reservas hidrológicas para geração de energia, dado que 2017 não foi um bom ano nesse aspecto, apesar de ter havido uma melhora nessas condições no período mais recente, portanto, dependerá fortemente das condições apresentadas em 2018. Por outro lado, a tendência é de que novos investimentos avancem no sentido de aumentar a capacidade de geração e transmissão de energia renovável.

Assim, pelas previsões até fevereiro de 2018, do INPE, o Nordeste deve apresentar mais uma vez precipitações abaixo da média, o que não implica que essa condição não possa ser revertida no trimestre posterior trazendo chuvas mais volumosas. Como já dito, diante de previsões globais que já estabeleceram a ocorrência do *La Niña*, é factível considerar os efeitos desse fenômeno sobre o Brasil, que poderá amenizar tais previsões negativas e trazer uma situação de mais normalidade.

Portanto, considerando as previsões existentes, é pertinente considerar que as condições de chuvas para o Nordeste sejam mais favoráveis que em 2017, podendo chegar a ultrapassar a média em alguns estados, da mesma forma, considerando que a ocorrência do *La Niña* está bem caracterizada, inclusive sendo considerada de nível forte, pode-se esperar uma influência negativa sobre a produção agrícola, concentrada nas regiões Sul e Centro-Oeste.

A capacidade ociosa e a possibilidade de aumento da produção sem necessidade de contratações também cooperam para uma expectativa de preços estáveis, ainda que um pouco mais elevados, além de uma taxa de câmbio ainda apreciada. Portanto, segundo as estimativas de analistas do mercado financeiro, a inflação deverá ficar dentro da meta. Além disso, positivamente deve-se considerar que parte dos efeitos do contexto de 2017 ainda devem influenciar o ano seguinte, no que diz respeito a taxa de juros e inflação, principalmente. Do lado dos salários também não se espera que haja pressão de aumento de preços, tendo como base o patamar de reajuste do salário mínimo, como do mercado em geral.

Previsões de especialistas do Banco Itaú (2017) apontam crescimento do PIB de 3,0% em 2018. Com base em efeitos positivos remanescentes de 2017 o Banco Bradesco (2017b) projeta um crescimento de 2,8% em 2018 e inflação de 3,9%. Deve-se considerar que as condições para a produção agropecuária devem se alterar em 2018, não devendo repetir o desempenho de 2017, ficando com uma produção menor, portanto, em termos de preços os alimentos não deverão contribuir tão favoravelmente como ocorreu em 2017.

Com uma economia mais ajustada e retomando força se espera também um aumento no consumo, inclusive de alimentos, o que deve beneficiar o setor agropecuário, elevando preços. Dado que o desempenho da produção agrícola deve ser inferior ao observado em 2017, ao mesmo tempo que os outros setores da economia deverão crescer, conseqüentemente, a participação da agropecuária na economia deve diminuir, contribuindo menos para seu resultado geral. Além disso, a pecuária, nesse contexto deve se sobressair, devendo ter um desempenho melhor que a agricultura e contribuindo relativamente mais dentro do setor agropecuário.

Com um maior nível de emprego da mão de obra pode-se expandir o consumo, de todos os setores, dinamizando a economia, ratificando o fim de um ciclo de crise econômica, ainda com restrições. Isso deverá favorecer o consumo de produtos de origem animal, como carne, leite e derivados. Assim, a ovinocultura e a caprinocultura poderão ter um ano mais favorável, não só pela economia, mas pelo clima, mantendo uma tendência de crescimento do rebanho, entretanto, o crescimento dessas atividades poderá ser limitado pelos efeitos dos anos de seca, que desestruturaram pastagens, rebanhos, propriedades e, principalmente, organização produtiva.

Parte dessas restrições se dá pelas incertezas ainda presentes, com a perspectiva de novas eleições, que deve comandar a pauta política do país, centralizada em acordos e coalizões, tendo forte influência sobre a aprovação de reformas que já vem sendo negociadas por longos tempos. Provavelmente, o cenário de eleições, como de costume, deixe as negociações políticas mais dispersas, com o início prematuro

das campanhas. Além disso, a Copa do Mundo de Futebol será um elemento a mais que poderá encurtar ainda mais o debate político, dividindo as atenções da população em um momento de grande indefinição e politicamente crítico.

Em suma, a conjuntura é propícia para um fortalecimento dos princípios que sustentem uma dinâmica mais consistente da economia, como emprego, renda, com inflação e juros baixos. Entretanto, podem ser afetadas ainda por questões sensíveis como disputa política para aprovação de reformas e eleições que terão características peculiares dado a recente alternância de poderes.

Em um âmbito mais reduzido como o *locus* de produção de ovinos e caprinos, espera-se que a série de episódios climáticos negativos seja quebrada ou amenizada, com melhores condições e a continuação de uma tendência de fortalecimento dessas atividades sobre as demais, como uma forma estratégica de aproveitamento dos recursos disponíveis de forma mais eficiente.

Como pré-requisito para que essas atividades venham experimentar uma nova fase de desenvolvimento sustentável, se aponta para o desenvolvimento da capacidade de gestão, como um dos fundamentos para a organização das mesmas em bases mais sólidas. E sobre esse aspecto as instituições e os produtores devem se debruçar e prover tais necessidades para se antecipar às oportunidades.

Referências

BANCO BRADESCO. Departamento de Pesquisa e Estudos Econômicos. **Cenário América Latina**, dez. 2017a. Disponível em:

<<https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/2017%2012%20Cenario%20America%20Latina.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

BANCO BRADESCO. Departamento de Pesquisa e Estudos Econômicos. **Cenário Econômico**, 8 dez. 2017b. Disponível em:

<https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/Cenario_economico-dez-17.PDF>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Cotações e boletins**. [Brasília, DF, 2017a].

Disponível em:

<<http://www4.bcb.gov.br/pec/taxas/port/ptaxnpesq.asp?id=txcotacao>>. Acesso em 18 dez. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Histórico das taxas de juros**. [Brasília, DF, 2017b]. Disponível em:

<<http://www.bcb.gov.br/Pec/Copom/Port/taxaSelic.asp>>. Acesso em 18 dez. 2017.

BANCO ITAÚ. Departamento de Pesquisa Macroeconômica. **Pesquisa Econômica; Perspectivas Econômicas Pesquisa Macroeconômica Itaú**, dez. 2017. Disponível em:

<https://www.itau.com.br/_arquivosstaticos/itauBBA/contents/common/docs/Dezembro2017.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Aliceweb – Consultas**. [Brasília, DF, 2017a]. Disponível em:

<<http://alicesweb.mdic.gov.br/index/home>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Bases para o plano nacional de desenvolvimento da rota do cordeiro**. Brasília, DF, 2017b. 116 p. Disponível em:

<<http://www.mi.gov.br/documents/10157/4177578/Rota+do+Cordeiro-web.pdf/7b666f05-6ace-4412-bb5d-68d02921958>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

CNA. **Ovinos e caprinos: Balanço 2017**. Disponível em:

<http://www.cnabrasil.org.br/sites/default/files/sites/default/files/uploads/ovinos_caprinos_balanco_2017.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017

IBGE. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo. **Tabela 1419: IPCA - Variação mensal, acumulada no ano, acumulada em 12 meses e peso mensal, para o índice geral, grupos, subgrupos, itens e subitens de produtos e serviços (a partir de janeiro/2012)**. [Rio de Janeiro, 2017a]. Disponível em: <

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1419>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

IBGE. **Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 10, out. 2017b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/6/lspa_pesq_2017_out.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2017.

IBGE. Pesquisa Agrícola Municipal 2016. **Tabela 1612**: área plantada, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio de valor da produção das lavouras temporárias, 1974 a 2016. [Rio de Janeiro, 2017c]. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=839&z=t&o=11&i=P>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Trimestral - PNAD Contínua. Taxa de desocupação, por idade, 1º trimestre 2012 - 3º trimestre 2017. [Rio de Janeiro, 2017d]. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?&t=series-historicas>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

IBGE. Pesquisa Pecuária Municipal 2016. **Tabela 3939**: efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho, 1974 a 2016. [Rio de Janeiro, 2017e]. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/quadros/brasil/2016>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

IBGE. Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. **Abates – tabelas**. [Rio de Janeiro, 2017f]. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/abate/tabelas>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

IBGE. Pesquisa Trimestral do Leite. **Tabela 1086**: número de informantes e Quantidade de leite cru, resfriado ou não, adquirido e industrializado, no mês e no trimestre, por tipo de inspeção 1º trimestre 1997 a 3º trimestre 2017. [Rio de Janeiro, 2017g]. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/leite/tabelas>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

INPE (Brasil). **Nota técnica sobre a previsão climática por consenso**; Período: Trimestre DJF-2017/18 - Brasil. [São José dos Campos, 2017]. Disponível em: <http://clima1.cptec.inpe.br/~rclima1/pdf_notatecnica/Nota_Tecnica.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2017.

IPEA. **Carta de Conjuntura**, n. 37, 4. trim. 2017. Seção II. Economia Agrícola. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/171121_cc_37_economia_agricola.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.